



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura
VII Encontro Local do PROLER
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

COLORED, BLACK, NEGRO, AFRO-AMERICAN AND WHAT IT IS GOING TO BE: O DISCURSO RACISTA NAS DEFINIÇÕES DOS DESCENDENTES DOS AFRICANOS NA AMÉRICA.

Victor Ernesto Silveira Silva, UNEB.
viktorernesto@yahoo.com

Resumo: Neste trabalho, pretende-se analisar os sentidos das palavras *colored, negro, Black e afro-american* construídos no discurso de uma tira cômica, partindo da noção de formação discursiva como “ lugar de construção do sentido e de identificação do sujeito” (ORLANDI,2005, p. 103) e da historicidade dos sentidos; a fim de compreender o processo de significação de tais palavras.

Palavras-chave: Construção de sentidos. Análise do discurso. Formação discursiva. Racismo.

Emprestada do filósofo M. Foucault, o conceito de formação discursiva tornou-se o pilar teórico que sustenta grande parte dos trabalhos imersos na metodologia da Análise do Discurso. A importância deste conceito vai além disso. Com a introdução da noção de formação discursiva na Análise do discurso, percebeu-se uma transformação no modo de pensar o que seria o objeto de estudo da Análise do Discurso (MUSSALIN & BENTES, 2004).

Segundo Pêcheux (1990), a formação discursiva é articulada dentro de uma formação ideológica e que compreende o que pode e deve ser dito por um sujeito a partir de uma dada posição e uma dada circunstância. Aqui são importantes as noções de sujeito e ideologia. A formação ideológica é relevante, pois como afirma Pêcheux (1997, p 92), “todo processo discursivo se inscreve numa relação ideológica de classes.” Em outras palavras, a língua reproduz a ação da ideologia; por meio dela que o discurso é materializado, e por meio do discurso que a ideologia se manifesta. O indivíduo, ao enunciar, é interpelado pela ideologia e se torna sujeito. O processo de assujeitamento é essencial na Análise do Discurso, pois, segundo Orlandi, “não há nem sentido nem sujeito se não houver assujeitamento a língua” (2005 p100).

O assujeitamento ocorre na produção do discurso, num trabalho ideológico que clama o indivíduo a ser sujeito; como consequência, a formação ideológica determina a construção do sentido do discurso. Desta forma, é possível dizer que o sentido das palavras não é único. Os sentidos são produzidos nas formações discursivas definidas pelas formações ideológicas. Assim, uma mesma palavra pode revelar sentidos

diferentes bem como várias palavras podem revelar uma mesma significação, desde que imersos numa dada formação discursiva (PECHEUX, 1997).

Para tanto, a Análise do Discurso concebe o sentido como efeito de substituíbilidade, no qual palavras ou grupos de palavras podem ser substituídos por outras ou fazer referências a outras. De acordo com Possenti, este efeito se sustenta “pelo fato de que o sentido das palavras em um discurso remete a ocorrências anteriores” (2007 p. 373). Consequentemente, torna-se claro que os sentidos são necessariamente históricos e se manifestam em relações parafrásticas. A concepção do sentido nesta perspectiva levou à formulação do conceito de memória discursiva: os sentidos das expressões, formulações, palavras, etc. repetem ou remetem a outras enunciadas no curso da história; o sentido é construído por “filiações de memórias” (Orlandi, 2005, p59). O caráter remissivo dos sentidos articulados pela memória discursiva no momento da produção do discurso é o aspecto de interesse da análise empreendida no presente trabalho.

A análise da tira cômica na Ilustração 1, em anexo, será desenvolvida baseando-se na metodologia proposta pela Análise do Discurso, delimitando-se a estudar a historicidade dos sentidos e a formação discursiva no discurso do personagem da tira cômica

A tira cômica apresentada na Ilustração 1 do Anexo1 foi impressa no volume único do livro *Compact English Book*, inglês para Ensino Médio, desenvolvido pelo professor e mestre Wilson Liberato. Na obra, a tira cômica (*comics* como é designada no livro) se apresenta como um elemento lúdico no qual o autor exemplifica um conteúdo gramatical, neste caso o uso do artigo indefinido em Língua inglesa. Abaixo segue o texto traduzido:

-Dr. Foreman, meu bisavô era “de cor”! Meu avô era um “negro”! Meu pai era um “preto” e eu sou um “afro-americano! Isso me causa um problema”
-E qual é senhor Baker?
-Se eu tiver um filho, que diabos ele vai ser? (LIBERATO, 1998 p157)

A tira cômica apresenta um personagem deitado em um divã e outro em uma cadeira numa clássica cena de sessão de psicanálise. A imagem não possui cores que não sejam o preto e o branco e ainda assim o personagem deitado pode ser caracterizado como sendo negro tanto pelos traços que o definem quanto pelo seu discurso. A idéia de que a imagem representa um homem negro em uma sessão de psicanálise suscita a formulação de algumas hipóteses a respeito da tira: a) o homem em análise é um paciente com algum distúrbio psíquico, uma vez que a psicanálise é o método de tratamento para tais enfermidades; b) o problema levantado pelo homem negro na tira pode se caracterizar como um incômodo mental que o leva a uma preocupação profunda; o fato de o bisavô, o avô, o pai e até ele mesmo terem a raça/cor definidas por nomes diferentes o inquieta, principalmente porque para ele o filho terá uma nova definição e que ele como pai sabe que está além de sua capacidade determiná-la; c) o problema que o paciente expõe não parece ser um distúrbio de ordem psíquica; sendo assim, a tira satiriza a condição do negro enquanto grupo que precisa de uma definição, levando esta condição a uma patologia psíquica, como se um negro não pudesse manter a saúde mental sem uma definição de sua cor/raça.

Provavelmente a intenção de humor da tira não reside nessa sátira e obviamente, no âmbito da Análise do Discurso, não se pode afirmar qual a intenção do discurso produzido na tira cômica, isto porque, como foi posto anteriormente, o indivíduo é

interpelado em sujeito pela ideologia. Sendo assujeitado pela formação ou formações discursivas, ele não tem poder para construir novos discursos. Tudo o que ele imagina criar, em forma de discurso, já foi anteriormente dito, como expõe Gregolin (2005, p.6), “toda formulação possui, em seu ‘domínio associado’ outras formulações que ela repete, refuta, transforma, nega, (...)”.

Na fala do paciente, pode-se identificar claramente a noção de memória que é importante para compreender a construção do sentido do discurso. (GREGOLIN 2005). A historicidade é um dos componentes indispensáveis para recuperar, no momento mesmo da elocução, a noção de como os sentidos daquele discurso foram produzidos. No curso da história das definições para raça/cor, cada palavra está mergulhada na ideologia da circunstancia na qual foi enunciada; tem-se a impressão de se tratar de definições diferentes, uma vez que os significantes são diferentes. No entanto, é preciso reconhecer que o significante não atende a função de representar o significado. A assim sendo, a apreensão dos sentidos de *colored*, *negro*, *Black* e *afro-american* no discurso da tira depende de um exame histórico.

Assumindo o papel de bisneto, o sujeito, ao designar o bisavô com o adjetivo *colored*, marca historicamente o sentido desta palavra. Ela foi trazida ao discurso por uma formação discursiva mergulhada na ideologia racista e está inscrita historicamente num período em que o uso da palavra *colored* era um eufemismo difundido na sociedade norte-americana desde o fim do século XIX. Alguns estados dos Estados Unidos da América, muito tempo após a abolição da escravatura, ainda tratavam os indivíduos de etnia negra como inferiores: havia a divisão de bairros, crianças negras não estudavam com crianças brancas, separação de assento em ônibus, entre outras formas de segregação racial. Este comportamento foi aceito e impunemente imposto aos negros até meados da década de 60, quando houve a decretação da lei que tornou ilegal a discriminação racial, principalmente em lugares públicos (CAMPOS, 2002). No período após a decretação da lei, a palavra *colored* deixou de ser usada e tornou-se um termo antiquado e ofensivo. “Em referência a cor da pele, *colored* era um termo aceito até os anos 60, quando ele foi suplantado por *Black*; agora é largamente considerado como ofensivo exceto em contextos históricos” (OXFORD, 2009).

O personagem não poderia caracterizar o bisavô de outra forma senão pelo adjetivo *colored*, já que este é o termo que sua formação discursiva permite utilizar retomando assim sentidos fornecidos pela memória discursiva relacionados à figura do bisavô: a imagem do homem que viveu na sociedade segregada entre negros e brancos.

A designação do bisavô como *colored* atesta um discurso racista componente da formação discursiva da etnia opressora (os brancos). Esta formação discursiva racista menospreza os outros grupos étnicos, nomeia-os e caracteriza-os ao seu modo. Afinal, como afirma Fairchild, (1985) a nomeação de raças feitas por brancos é sempre depreciativa.

Em “Meu avô era um negro”, é importante apontar o uso do artigo indefinido “um”, isto porque a palavra *negro* em inglês é um substantivo utilizado para designar os humanos de pele escura oriundos da África. Em português a palavra “negro” é basicamente utilizado como adjetivo: a cor da escuridão, relacionado à morte – vale ressaltar o fato de que a palavra negro tem suas origens na palavra grega *necro*: morte. Esta palavra passou a designar os povos africanos quando os portugueses começaram a comercializá-los como escravos (NATAMBU, 2007).

O personagem, cujo discurso designa o avô pela palavra *negro*, supõe uma nova geração com uma outra definição de raça/cor. Em um dado momento, o homem de etnia africana era designado por *colored* devido a uma ideologia dominante e preconceituosa. No movimento da história, a ideologia retoma o termo *negro* para a definição do mesmo

grupo humano outrora definido por um eufemismo. A retomada do significante nada mais é do que a retomada da ideologia marcadamente racista.

Em “my father was a black”, sentença que podemos traduzir como “meu pai era um preto”, o sujeito utiliza um artigo indefinido para assinalar uma substantivação. A palavra *Black* torna-se, no discurso, um nome; mais que isso, um substantivo de caráter coletivo, pois o “um” supõe a existência de vários outros congêneres. Como exposto anteriormente na citação do dicionário Oxford, a palavra *colored* foi suplantada pela palavra *Black*, e este mesmo dicionário atesta preferência desta se comparada com a utilização da designação negro. A palavra *Black*, emudecida até os anos 60, momento em que os movimentos negros lutavam pela igualdade e o orgulho negro, como o Poder Negro (*Black Power*), cujo intuito era difundir “a necessidade de os negros reconhecerem sua beleza e sua capacidade” (CAMPOS, 2002, p.207), ressurgiu justamente numa situação histórica em que a etnia negra começa a ascender e se afirmar na sociedade norte-americana.

O processo de construção do sentido da palavra *Black* enquanto substantivo para denotar os indivíduos de etnia e descendência africana é uma reformulação do processo de construção do sentido do substantivo “negro” feita pelos portugueses ao entrarem em contato com os povos da África Subsaariana. Entretanto, as formações ideológicas e o momento histórico determinantes na produção dos discursos nos quais tais termos aparecem são antagônicas. Enquanto “negro” emerge de uma formação discursiva racista do colonizador europeu, o adjetivo *Black* difunde-se como substantivo em meados da década de 60 determinado por uma ideologia afirmativa que interpelava os indivíduos de etnia negra.

Fairchild (1985) afirma que a palavra negro é mais positivamente vista pelos brancos do que a palavra *Black*. Em sua pesquisa de 1985, ele atestou que: “o uso da palavra “Black” era uma tentativa deliberada de diminuir, subjugar e menosprezar os africanos” (FAIRCHILD, 1985, p.52). O dado registrado por Fairchild (1985) ilustra o embate ideológico que existe nas definições de raça/cor. Enquanto povos e descendentes de africanos acreditam afirmar o orgulho com a definição *Black*, os indivíduos de etnia europeia e descendentes de europeus nos Estados Unidos da América retomam e reformulam em *Black* o sentido depreciativo construído pelo português escravista com o termo negro.

O personagem se define como *afro-american*, o que não consiste uma autodefinição. Na verdade, este é o maior exemplo de assujeitamento da tira: o outro o definiu como *afro-american*, uma vez que este é o discurso circundante no momento histórico da produção do discurso do personagem. A expressão *afro-american* tem sido altamente divulgada na atualidade, segundo o antropólogo Antônio Risério (2007), embora em Fairchild (1985) já se tratava desta expressão como forma mais positiva para a definição dos povos de etnia africana. Diferente das demais definições, a expressão *afro-american* não remete diretamente à cor da pele, mas à origem da etnia por meio do prefixo *afro-* de África; de qualquer modo, a expressão não pode ser encarada como isenta de uma ideologia racista.

No site Centro de Mídia Independente (2009), cujo objetivo é mostrar que a mídia é capaz de uma oposição à mídia empresarial e tendenciosa, a opinião de um dos usuários a respeito do discurso atual é que “Afrodescendente é o mais novo rótulo criado, para amenizar, suavizar o tom escuro da pele da maioria de nosso povo. Fomos pretos escravos, pobres pardos e negros classe média. Agora, afrodescendentes com anel de Dotô”. Afinal, trata-se de um eufemismo? E se assim for, tem a reformulação da designação *colored*. Afro-american é o discurso predominante nas formações ideológicas da atualidade; o mesmo é reforçado e difundido pelos meios de

comunicação. Antonio Risério caracteriza a expressão afro-descendente como um escapismo e depreciação de palavras como preto (no português), negro e Black (em inglês). As formações discursivas, obviamente, embutidas em ideologia dominantes têm relegado estas palavras (negro, preto, Black) o domínio das palavras tabus.

Nos inúmeros discursos que estas palavras podem ser enunciadas, cada uma delas poderá ou não configurar idéias racistas ou afirmativas, e a compreensão deste ou daquele sentido dependerá das formações discursivas determinantes dos discursos.

Enfim, o discurso da tira cômica remonta à história das definições do grupo étnico de origem africana e revela, mediante análise, as ideologias que marcaram a difusão das designações. As definições sempre existirão, elas nascem como nascem os discursos: a partir de retomadas, reformulações, referências, negações do que já foi dito. A historicidade dos sentidos de *colored*, *negro*, *Black* e *afro-american* mostram que a definição de raça/cor do filho do personagem vai depender do contexto histórico da próxima geração e quais ideologias estarão dominando as formações discursivas dos sujeitos no futuro.

Referências

CAMPOS, F. **O jogo da História: De corpo na América e de alma na África**: 1.ed. São Paulo: Moderna, 2002

CENTRAL DE MÍDIA INDEPENDENTE: **Ser ou não ser? Nem Preto, Nem Negro: Afrodescendente**. Por Arkanophallos Erectus disponível em <<http://www.midiaindependente.org/>> acesso em 09 set, 2009

FAIRCHILD H. H. Black, Negro or Afro-American? The differences are crucial! **Journal of Black Studies**, Los Angeles, v.16, n 1, p. 47 -55, set.1985

GREGOLIN M. do R. **Formação Discursiva, Redes De Memória E Trajetos Sociais De Sentido: Mídia E Produção De Identidades**. Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://www.discurso.ufrgs.br/sead2/doc/rosariogregolin.pdf>>. acesso em 27 jun. 2009

LIBERATO, W. **Compact English Book: Inglês para Ensino Médio**: São Paulo: FTD,1998.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**: Campinas: Pontes/Ed.da Unicamp, 1987.

MUSSALIN, F. e BENTES, A.C. **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**, Vol. 3, São Paulo: Cortez, 2005

NANTAMBU, K. **Origin of terms 'Negro' and Afrika**, Ohio, 2007. Disponível em <<http://www.trinicenter.com/kwame/2007/0901.htm>>. Acesso em 15 jul. 2009

ORLANDI, E. **Discurso e Leitura**: São Paulo: Cortez, 1988

_____. **A linguagem e seu funcionamento. As formas do discurso**: São Paulo: Pontes, 1996

_____. **Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos**: Campinas, SP: Pontes, 2005

OXFORD, AskOxford: Free online dictionary resources from Oxford University Press. Disponível em <<http://www.askoxford.com/?view=uk>>. Acesso em 25 jul. 2009.

PÊCHEUX, M. **Análise Automática do Discurso**: Campinas: Editora da Unicamp, 1990

POSSENTI, S. Teoria do Discurso: um caso de múltiplas rupturas. In MUSSALIN, F. e BENTES A.C. **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**, Vol. 3, São Paulo: Cortez, 2005 p. 253-269, 2003.

_____. Observações Sobre Interdiscurso: **Revista Letras**, Curitiba, n. 61, v. especial, p. 253-269, 2003. Editora UFPR

RISÉRIO, A. Afrodescendente, o neonegro. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI1336350EI6608,00Afrodescendente+o+neonegro.html>> Acesso em 10 set. 2009

Anexo



Ilustração 1 - Tira cômica. Fonte: LIBERATO, 1998